



A Face Multidisciplinar das Ciências Agrárias 4

Raissa Rachel Salustriano da Silva-Matos
Hosana Aguiar Freitas de Andrade
Nítalo André Farias Machado
(Organizadores)

 **Atena**
Editora
Ano 2019



A Face Multidisciplinar das Ciências Agrárias 4

Raissa Rachel Salustriano da Silva-Matos
Hosana Aguiar Freitas de Andrade
Nítalo André Farias Machado
(Organizadores)

 **Atena**
Editora
Ano 2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Natália Sandrini
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobom – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
F138	A face multidisciplinar das ciências agrárias 4 [recurso eletrônico] / Organizadores Raissa Rachel Salustriano da Silva-Matos, Hosana Aguiar Freitas de Andrade, Nítalo André Farias Machado. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (A Face Multidisciplinar das Ciências Agrárias; v. 4) Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader. Modo de acesso: World Wide Web. Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-888-5 DOI 10.22533/at.ed.885192312 1. Agricultura. 2. Ciências ambientais. 3. Pesquisa agrária – Brasil. I. Silva-Matos, Raissa Rachel Salustriano da. II. Andrade, Hosana Aguiar Freitas de. III. Machado, Nítalo André. IV. Série. CDD 630
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Nos primórdios do desenvolvimento da agricultura, os recursos naturais disponíveis propiciaram o surgimento das atividades agropecuárias, e desta forma, a necessidade de atuação dos profissionais de ciências agrárias tornou-se consolidada. Durante séculos, novos conhecimentos foram adquiridos, fundamentados teoricamente sobre as práticas agrícolas, conduzindo ao aperfeiçoamento do processo produtivo de acordo com a evolução da sociedade.

Diante do atual cenário, a obra “A Face Multidisciplinar das Ciências Agrárias” em seus volumes 3 e 4 engloba respectivamente 24 e 27 capítulos capazes de possibilitar ao leitor a experiência de ampliar o conhecimento sobre a economia e sociologia no campo, conservação pós-colheita, tecnologia de alimentos, produção vegetal, qualidade de produtos agropecuários, metodologias de ensino e extensão nas escolas, epidemiologia e cadeia produtiva da produção animal.

Em virtude da pluralidade existente desta grande área, os trabalhos apresentados abordam temas de expressiva importância as questões sociais e econômicas do Brasil. E, portanto, evidenciamos profunda gratidão pelo empenho dos autores, que em conjunto, contribuíram para o desenvolvimento e formação deste e-book.

Espera-se, agregar ao leitor, conhecimentos sobre a multidisciplinaridade das ciências agrárias, de modo a atender as crescentes demandas por alimentos primários e transformados, preservando o meio ambiente para às gerações futuras.

Raissa Rachel Salustriano da Silva-Matos
Hosana Aguiar Freitas de Andrade
Nítalo André Farias Machado

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A DESTINAÇÃO DE RECURSOS ORÇAMENTÁRIOS PARA POLÍTICAS PÚBLICAS E INOVAÇÃO NO ÂMBITO DO AGRONEGÓCIO NO MUNICÍPIO DE ANCHIETA – ES NO PERÍODO DE 2013 A 2017	
César Albenes de Mendonça Cruz Denise Ferreira Pinto Paterlini Eliaidina Wagna Oliveira da Silva Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva Marcelo Plotegher Campinhos Maria José Coelho dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.8851923121	
CAPÍTULO 2	16
APLICAÇÃO DA MATRIZ SWOT PARA IDENTIFICAR FRAQUEZAS INTERNAS POTENCIAIS DE UMA LOJA DE PRODUTOS AGROPECUÁRIOS NO SERTÃO CENTRAL DO CEARÁ	
Emanuela Bento de Lima Rildson Melo Fontenele Antonio Geovane de Moraes Andrade José Willamy Ribeiro Marques Cláudio Mateus Pereira da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.8851923122	
CAPÍTULO 3	20
APLICAÇÃO DE ADJUVANTES E ULTRASSOM NA EXTRAÇÃO DO AZEITE DE OLIVA	
Diegho Andrade Paz Cássio Delgado Salim Raphael Veloso Gusmão Silva Candice Soares Dias Marcilio Machado Moraes Valéria Terra Crexi	
DOI 10.22533/at.ed.8851923123	
CAPÍTULO 4	31
APLICAÇÃO DE BAGAÇO DE MAÇÃ NA PRODUÇÃO DE BISCOITOS TIPO <i>COOKIES</i>	
Beatriz Cervejeira Bolanho Barros Suelen Pereira Ruiz Herrig Otávio Akira Sakai Keila Fernanda Raimundo Luana Mariani Jorge	
DOI 10.22533/at.ed.8851923124	
CAPÍTULO 5	43
AVALIAÇÃO DA ATIVIDADE ANTIBACTERIANA DE COMPOSTOS NATURAIS FRENTE A CEPAS PADRÃO	
Giovana Hashimoto Nakadomari Lucas Valeiras Gaddini Sheila Rezler Wosiacki	
DOI 10.22533/at.ed.8851923125	

CAPÍTULO 6 50

AVALIAÇÃO DE FORMULAÇÕES DE BISCOITOS COM ADIÇÃO DE FARINHA DE RESÍDUOS DE BANANEIRA E FÉCULA DE MANDIOCA UTILIZANDO PLANEJAMENTO FATORIAL

Isabella Fernanda Camargo Queiroz
Kate Mariane Adensuloye
Mariana Manfroi Fuzinato

DOI 10.22533/at.ed.8851923126

CAPÍTULO 7 62

CARACTERIZAÇÃO DE COMPOSTOS BIOATIVOS E ATIVIDADE ANTIOXIDANTE DE AMORAPRETA DA CULTIVAR 'TUPY' PRODUZIDAS NO OESTE DE SANTA CATARINA

Cintia Dos Santos Moser
Adriana Lugaresi
Alison Uberti
Felipe Tecchio Borsoi
Clevison Luiz Giacobbo
Margarete Dulce Bagatini

DOI 10.22533/at.ed.8851923127

CAPÍTULO 8 67

CARACTERIZAÇÃO FITOQUÍMICA DOS EXTRATOS BRUTO E AQUOSO DA POLPA E DA CASCA DE PITAYA VERMELHA (*HYLOCEREUS POLYRHIZUS*)

Sandra Machado Lira
Lia Corrêa Coelho
Chayane Gomes Marques
Marcelo Oliveira Holanda
Juliana Barbosa Dantas
Ana Carolina Viana de Lima
Glauber Batista Moreira Santos
Gisele Silvestre da Silva
Fernando Antônio Pinto de Abreu
Ana Paula Dionísio
Guilherme Julião Zocolo
Maria Izabel Florindo Guedes

DOI 10.22533/at.ed.8851923128

CAPÍTULO 9 79

CINÉTICA DA SECAGEM DE AQUÊNIOS DE GIRASSOL

Gustavo Soares Wenneck
Reni Saath
Larissa Leite de Araújo
Camila de Souza Volpato
Danilo Cesar Santi

DOI 10.22533/at.ed.8851923129

CAPÍTULO 10 91

UTILIZAÇÃO DOS RESÍDUOS DE PANIFICAÇÃO NO PROCESSAMENTO DE RAÇÃO ANIMAL PELETIZADA

Lúcia de Fátima Araújo
Emerson Moreira Aguiar
Robson Rogério Pessoa Coelho
João Carlos Taveira
Luiz Eduardo Santiago

DOI 10.22533/at.ed.88519231210

CAPÍTULO 11	101
COMERCIALIZAÇÃO DE PRODUTOS DA AGRICULTURA FAMILIAR LOCAL NA FEIRA LIVRE DE CAMETÁ, PARÁ	
Ana Clara Rodrigues de Sousa Leite Josiele Pantoja de Andrade Diego Coelho Leite Fagner Freires de Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.88519231211	
CAPÍTULO 12	116
COMPOSIÇÃO FLORÍSTICA E ESTRUTURAL DE UM FRAGMENTO DE CERRADO <i>SENSU STRICTO</i> EM DIANÓPOLIS-TO	
Pedro James Almeida Wolney Luan Bonfim Rosa Teixeira Tamara Thalia Prolo Virgílio Lourenço da Silva Neto Maria Adriana Santos Carvalho Elismar Dias Batista Rômulo Quirino de Souza Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.88519231212	
CAPÍTULO 13	126
DESAFIOS DA AGRICULTURA FAMILIAR EM PRÓL DA PRODUÇÃO AGROECOLÓGICA EM TANGARÁ DA SERRA – MT	
Regina Maria da Costa Aparecida de Fátima Alves Lima	
DOI 10.22533/at.ed.88519231213	
CAPÍTULO 14	139
EL MODELO DE PRODUCCIÓN-DISTRIBUCIÓN-CONSUMO (P-D-C) AGROECOLÓGICO EN EL TERRITORIO	
Mónica de Nicola Maria Elena Díaz Aradas Adhemar Pascualle Teresa Questa	
DOI 10.22533/at.ed.88519231214	
CAPÍTULO 15	154
EN BÚSQUEDA DE UNA ORGANIZACIÓN PRODUCTIVA PARA LOS ARTESANOS DEL BUTIÁ DE SANTA VITÓRIA DO PALMAR (RS), BRASIL	
Laura Bibiana Boada Bilhalva Cristiano Ruiz Engelke	
DOI 10.22533/at.ed.88519231215	
CAPÍTULO 16	160
ESTIMATIVA DO FILOCRONO E SOMA TÉRMICA DO TRIGO DUPLO PROPÓSITO EM SÃO VICENTE DO SUL	
Fernando Saraiva Silveira Júnior Ivan Carlos Maldaner Victor Paulo Kloeckner Pires Marcos Antonio Turchiello Camila Lima Leocadio Fabrício Penteadado Carvalho Willian Luis Castro Vicente	

Murilo Brum de Moura
Henrique Shaf Eggers
DOI 10.22533/at.ed.88519231216

CAPÍTULO 17 168

ESTUDO DA CINÉTICA DE ADSORÇÃO DO CORANTE AZUL REATIVO 5G EM CASCA DE SOJA

Gabriela Souza Alves
Claudinéia Queli Geraldi
Rubén Francisco Gauto

DOI 10.22533/at.ed.88519231217

CAPÍTULO 18 175

INFLUÊNCIA DA EMBALAGEM E AMBIENTE NA CONSERVAÇÃO PÓS-COLHEITA DE FRUTOS DE RAMBUTAN (*Nephelium lappaceum* L.)

Brenda Karina Rodrigues da Silva
Artur Vinícius Ferreira dos Santos
Antonia Benedita da Silva Bronze
Sinara de Nazaré Santana Brito
Harleson Sidney Almeida Monteiro
Thayane Ferreira Miranda
Danilo da Luz Melo
Wenderson Nonato Ferreira da Conceição
Meirevalda do Socorro Ferreira Redig
João Almiro Corrêa Soares

DOI 10.22533/at.ed.88519231218

CAPÍTULO 19 186

LA AGRICULTURA FAMILIAR Y SU RELACIÓN CON LOS SISTEMAS EXPERTOS. UNA MIRADA DESDE LA EXTENSIÓN

María Sergia Villaberde
Leandro Sabanes
Amparo Heguiabehere
María Andrea Porporato
Érica Funes

DOI 10.22533/at.ed.88519231219

CAPÍTULO 20 198

LAS POLÍTICAS FORESTALES ARGENTINAS EN LA CONSTITUCIÓN DEL DELTA INFERIOR BONAERENSE COMO REGIÓN FORESTAL

Carlos Javier Moreira

DOI 10.22533/at.ed.88519231220

CAPÍTULO 21 217

MODELOS DE ÁRVORE INDIVIDUAL NA ESTIMATIVA DO CRESCIMENTO E PRODUÇÃO FLORESTAL

Lorena Oliveira Barbosa
Verônica Satomi Kazama
Anny Francielly Ataíde Gonçalves
Luciano Cavalcante de Jesus França
José Roberto Soares Scolforo

DOI 10.22533/at.ed.88519231221

CAPÍTULO 22 230

O RURAL ENVOLVENDO DIMENSÕES ECONÔMICAS E NÃO ECONÔMICAS: PROCESSOS DE DESENVOLVIMENTO DEPENDENTES DAS DINÂMICAS DE ENVOLVIMENTO DAS COMUNIDADES

Cláudio Machado Maia
Mario Riedl
Cláudia Susana Marques Antunes
Ana Laura Vianna Villela
Rosa Salete Alba

DOI 10.22533/at.ed.88519231222

CAPÍTULO 23 244

PERCEPÇÃO DISCENTE DAS METODOLOGIAS DE ENSINO E MONITORIA NA DISCIPLINA DE SUINOCULTURA DO CURSO DE VETERINÁRIA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ

Lina Raquel Santos Araújo
Deborah Marrocos Sampaio Vasconcelos
Ênio Campos da Silva
Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos
Victor Hugo Vieira Rodrigues
Everton Nogueira Silva
José Nailton Bezerra Evangelista

DOI 10.22533/at.ed.88519231223

CAPÍTULO 24 252

PERSPECTIVAS INSTITUCIONAIS DE CONTROLE E FISCALIZAÇÃO DE ALIMENTOS EM SANTA MARIA/RS

Valéria Pinheiro Braccini
Luis Fernando Vilani de Pellegrini
Janaina Balk Brandão

DOI 10.22533/at.ed.88519231224

CAPÍTULO 25 263

PRODUÇÃO DE FERMENTADO ALCOÓLICO A PARTIR DA POLPA DE BURITI (*Mauritia flexuosa* L. f.)

Marco Antônio de Alcântara Rocha
Wenderson Gomes dos Santos
Douglas Alberto Rocha de Castro

DOI 10.22533/at.ed.88519231225

CAPÍTULO 26 276

SABERES AMBIENTAIS E AGRICULTURA ORGÂNICA: EXPERIÊNCIAS COMPARTILHADAS EM UMA FEIRA AGROECOLÓGICA NA REGIÃO AMAZÔNICA

Mailson Lima Nazaré
Raimundo Paulo Monteiro Cordeiro
Luan Sidônio Gomes
Antonio Sérgio Silva de Carvalho

DOI 10.22533/at.ed.88519231226

CAPÍTULO 27 284

ULTRASOUND EXTRACTION AND FATTY ACID PROFILE OF GRAPE SEED OIL

Rosana Oliveira Ehlers
Helena Brito Machado (in memmoriám)
Jênifer Inês Engelmann
Marcilio Machado Morais
Valéria Terra Crexi

SOBRE OS ORGANIZADORES.....	296
ÍNDICE REMISSIVO	297

EL MODELO DE PRODUCCIÓN-DISTRIBUCIÓN- CONSUMO (P-D-C) AGROECOLÓGICO EN EL TERRITORIO

Data de aceite: 11/12/2018

Mónica de Nicola

Cátedra de Extensión Rural y de Comercialización
Agropecuaria, Facultad de Ciencias Agrarias,
Universidad Nacional de Rosario (UNR)

Maria Elena Diaz Aradas

INTA EEA Oliveros

Adhemar Pascualle

Cátedra de Extensión Rural y de Comercialización
Agropecuaria, Facultad de Ciencias Agrarias,
Universidad Nacional de Rosario (UNR)

Teresa Questa

Cátedra de Extensión Rural y de Comercialización
Agropecuaria, Facultad de Ciencias Agrarias,
Universidad Nacional de Rosario (UNR)

INTRODUCCIÓN

Numerosos son los análisis que hablan acerca de la sustentabilidad de los sistemas productivos y muy pocos aquellos que incorporan la sustentabilidad del consumo. Una de las formas de evitar este sesgo hacia la producción es empezar a estudiar el sistema agroalimentario, de acuerdo a la definición de Malasis, L: (1994) citado por De Nicola (2011) como “la manera en que los hombres se organizan en el espacio y en el tiempo, para

obtener y consumir sus alimentos”.

La propuesta de modelos de producción-distribución-consumo (P-D-C) agroecológicos, se constituye en una posibilidad concreta para la producción de alimentos contribuyendo a la soberanía alimentaria.

El objetivo de este trabajo es analizar si los distintos canales de comercialización organizados por los movimientos sociales en el marco del modelo de P-D-C agroecológico, se constituyen como posibles espacios de repolitización del consumo de alimentos agroecológico y del consumo alimentario en general.

EL MODELO DE PRODUCCIÓN- DISTRIBUCIÓN-CONSUMO

La base del modelo de producción de la agricultura industrializada ha sido su alta dependencia de insumos agroquímicos y semillas híbridas y/o transgénicas. Este modelo ha generado un aumento de la productividad y por consiguiente un incremento en la oferta de materias primas destinadas a la alimentación humana, animal, y/o como biocombustibles.

La organización de la unidad de este tipo

de producción primaria tiende a ser más capitalizada, ya que su estrategia es la incorporación de capital a través del uso de tecnologías. La estructura productiva de las explotaciones se torna altamente especializada en un producto destinado a la industria. El productor se convierte en proveedor de bienes intermedios a la industria transformadora agro-alimentaria, a la vez que se torna altamente dependiente de la industria proveedora de insumos.

El cambio tecnológico y las innovaciones técnico-organizativas actúan como elemento dinamizador de las fuerzas productivas, donde la agricultura se integra y subordina con la agroindustria proveedora de insumos y transformadora de alimentos, quienes tienen los papeles más dinámicos. La agroindustria procesadora y proveedora de insumos, concentrada y transnacionalizada en su mayoría, es quien termina hegemonizando y comandando este modelo, definiendo las formas de producción.

Los procesos de producción, transformación, conservación, están estandarizados por el modelo agroindustrial, fuertemente dependientes de insumos externos a la unidad de producción.

El mercado actúa como formador de precios del producto, donde una modificación del precio de un commodity puede modificar la estructura productiva de una región, produciéndose una especialización de ese producto (monocultivo y/o mono producción), en detrimento de factores sociales, ecológicos y hasta en algunos casos económicos.

La distribución de estos alimentos a escala global y/o nacional (entre regiones), requiere de grandes infraestructuras y logística de transporte, con un alto consumo de petróleo, al punto de que se habla de “petroalimentos” (aquellos que gastan en su producción y distribución más energía de la que aportan).

La orientación de estas producciones hacia el mercado minorista, hace que este adquiere un rol fundamental, y su distribución final quede en manos de los sectores de la gran distribución (supermercadismo) y/o de la exportación. Las compras de los consumidores, cada vez más se realizan a nivel de los grandes distribuidores alimentarios, donde se pueden comprar variedad de alimentos (carnes, verduras, frutas, lácteos). Estos supermercados requieren a sus proveedores de alimentos la obligatoriedad del cumplimiento de requisitos de calidad, normas específicas (como por ejemplo la norma Globalgap).

El Índice IPOD (Índice de Precios en Origen y Destino) de CAME (Confederación Argentina de la Mediana Empresa), que mide la diferencia promedio entre el valor de origen y góndola para 25 alimentos agropecuarios en Argentina, indicaba que “en julio la participación del productor en el precio que pagan los consumidores alcanzó el 25.7%”, agregando que “en general las distorsiones están determinadas por comportamientos especulativos de diferentes actores del mercado, básicamente de

las grandes cadenas de supermercados que se abusan de su posición dominante en el mercado, más allá de factores comunes como la estacionalidad o los costos de almacenamiento o transporte”.

El consumo de masa es el que prevalece en las grandes urbes, y cada vez más se compran alimentos procesados y precocinados. El consumo de productos frescos y en especial de vegetales tiende a decrecer, lo que origina que la venta de los alimentos se desplace desde los productores hacia la agroindustria procesadora y/o distribuidora.

Manuel Delgado Cabeza (2010), “advierte de que el fenómeno de los alimentos kilométricos es el resultado de la actual organización del sistema agroalimentario”. El consumo alimentario, la globalización alimentaria, el alimento viajero, las empresas agro exportadoras, las empresas alimentarias transnacionales propias de este modelo, profundiza los procesos de deslocalización alimentaria.

Según Pilar Galindo y Carlos Pino (sin fecha), la Producción-Distribución-Consumo del modelo industrializado, está organizado desde la lógica económica, que podría sintetizarse en:

- Más mercantilización, más mercado pensado en función de competitividad y beneficios, más transporte y más distancias recorridas por los alimentos, más consumo global;
- Visión tecnocrática, con la tecnología como paradigma para la resolución de cualquier problemática del modelo;
- Abordajes sectoriales y soluciones parciales y subsumidas por la lógica del mercado, donde se fortalecen la contraposición entre productores/consumidores, dejando de lado otros componentes del modelo que tienden a concentrarse y a hegemonizar el poder.

Los efectos negativos de este modelo de producción-distribución-consumo, han sido evaluados y mensurados largamente, haciendo hincapié en efectos:

- a. Ambientales que ha producido la producción primaria, como por ejemplo “perdida de estructura y fertilidad de los suelos”, “procesos de erosión hídrica y eólica”, “desforestación y pérdidas de bosques”, “pérdida de biodiversidad vegetal y animal por el monocultivo”, “alto costo energético del modelo de producción”, “uso de materias primas destinadas a biocombustibles o consumo animal en detrimento de su uso como alimento humano”, entre otros.
- b. Sociales del mismo, como por ejemplo “concentración de la tierra en pocas manos”, “expulsión de pequeños productores”, “pérdida de soberanía y seguridad alimentaria”, “eliminación de biodiversidad cultural”, entre otros.
- c. Perjudiciales sobre la salud de las personas, como por ejemplo el caso de las dioxinas en pollos, vacas loca, hormonas en la leche y en la carne,

- d. Sobre la calidad de los alimentos; contaminación debido al modelo tecnológico utilizado (agroquímicos, etc.)
- e. En el medio ambiente, por el aumento del uso envases y el consumo energético del transporte y la conservación;
- f. En la relación entre productores y consumidores por intereses contrapuestos y alejados
- g. En la soberanía alimentaria, como derecho de los pueblos a “definir su propia política agraria y alimentaria.
- h. En la distribución de poder de mercado, favoreciendo a la gran distribución por sobre los productores y consumidores.

EL MODELO DE PRODUCCIÓN-DISTRIBUCIÓN-CONSUMO AGROECOLÓGICO

Existe consenso en que el modelo de P-D-C agroecológico nace como una respuesta alternativa al modelo industrializado. Este modelo hace énfasis en dimensiones ambientales propias de la producción primaria, y en procesos de politización de la producción alimentaria, poniendo en debate cuestiones colectivas que incluyen no solo la producción, sino también la distribución y el consumo.

Estos sistemas surgen a partir de organizaciones, entre pequeños productores ecológicos y grupos o cooperativas de consumo, que adoptan diferentes formas de vinculación. Algunos de estos colectivos están altamente ideologizados y plantean la generación de espacios de encuentro, reflexión y movilización en temáticas como el consumo, el mercado agroalimentario, la antiglobalización, entre otros.

La vinculación de la agroecología con la soberanía alimentaria surge a partir de los movimientos sociales campesinos (como Vía Campesina) que se identifican con estas formas de P-D-C, y que buscan fortalecer espacios de “soberanía alimentaria”, definiéndola López García y Llorente Sanchez (2010) como “la organización de la producción y el consumo de alimentos de acuerdo a las necesidades de las comunidades locales, otorgando prioridad a la producción y el consumo local y doméstico”.

La agroecología es definida por Sevilla Guzman (2006) citado por Lopez Garcia y Llorente Sanchez (2010, p 25) como “el manejo ecológico de los recursos naturales a través de formas de acción social colectiva que presentan alternativas a la actual crisis de Modernidad, mediante propuestas de desarrollo participativo desde los ámbitos de la producción y la circulación alternativa de sus productos, pretendiendo establecer formas de producción y consumo que contribuyan a encarar la crisis ecológica y social, y con ello a restaurar el curso alterado de la co-evolución social

y ecológica”.

Aradas Diaz (2012), identifica tres dimensiones de la Agroecología: 1) **la ambiental**: que contribuye a la estabilidad y productividad de los ecosistemas, a través de diferentes prácticas, que permiten crear sistemas parecidos a los naturales en la región considerada, con un aumento de la biodiversidad intra e interespecie. Estos diseños aprovechan materiales de la zona, el uso de tecnologías apropiadas y apropiables, culturalmente adaptadas, no insumo dependiente. 2) **la socioeconómica**: que consolida esta forma de agricultura como movimiento social. La integración de las diferentes culturas respetando los estilos de vida y cumpliendo un papel social en la transmisión de valores y prácticas sociales. Fomentando alianzas estratégicas en la integración urbano-rural, para consolidar el modelo de alimentación sana. 3) **la política**: que contribuye al desarrollo local fortaleciendo procesos ciudadanos participativos donde la agricultura agroecológica se constituye en la forma de producción de alimentos, relacionando a los productores y a los consumidores, fortaleciendo la economía local.

Los circuitos cortos de comercialización, son canales de circulación de los bienes económicos en los que “hay un solo intermediario entre el productor final y el consumidor, y entre el productor y elaborador. Cuando el intermediario no se presenta, hablamos de venta directa”. Estos canales de comercialización generados por las organizaciones, no son vistos solamente con una perspectiva económica, sino como un fenómeno social y como un espacio de repolitización del consumo alimentario. Ha surgido un abanico de tipos de canales alternativos de distribución y consumo, que incorporaron diferentes niveles de valores colectivos, en la mayoría de los casos con la consideración del “*consumo como un acto político*”. Ventas en fincas, ferias en la calle de productores, reparto a domicilio, Grupos de consumo, Cooperativas de consumidores, Pequeños comercios de alimentación, Comedores escolares, constituyen algunos de las alternativas.

También dentro de la agroecología, se re-politiza la cuestión de la distancia entre producción y consumo, mediante el concepto de “relocalización de la producción y consumo de productos agroecológicos, en forma antagónica con la “deslocalización” del modelo industrializado.

Los modelos de certificación que se utilizan corresponden a sistemas participativos de garantías, donde productores, consumidores y actores de nivel local, son los encargados de garantizar la calidad y la procedencia de la producción agroecológica.

El consumo en los modelos de P-D-C agroecológicos, prefiere los “alimentos locales”, cultivados en lugares cercanos a nuestras residencias, permitiendo reducir las distancias de transporte. Los gastos energéticos para las actividades del sistema son bajos debido a las premisas del mismo, son sistemas territoriales conectados a

los consumidores locales, que comercializan productos de estación.

EL CONSUMO Y SUS REQUERIMIENTOS

Las crisis sanitarias e higiénicas en los alimentos propios del modelo PDC (Producción-Distribución-Consumo) industrial, han llevado a que las necesidades de los consumidores se vuelvan cada vez más fuertes y variadas. A nivel de éstos últimos, surgen preocupaciones que van desde la identidad de los alimentos industriales, de los cuales se desconoce su origen y en algunos casos su contenido, hasta aquellas que se basan en los efectos sobre la salud, el cuidado de la naturaleza, el bienestar de los animales y preocupaciones sociales y éticas sobre cómo se producen los alimentos, entre otras. Estas preocupaciones han generado una diferenciación en el consumo por grupos sociales (una nación, una comunidad) en algunos casos, o, en otros casos, por conductas individuales (de familias, clases) guiadas por atributos del estilo de vida (el tipo de consumo se convierte en una declaración de gusto, moda, posición social), “interés por la alimentación saludable” (comida sana para estar en forma y saludable), “valoración de la naturaleza, la cultura y el patrimonio culinario” (rescate de lo rural como algo tradicional) y el “desarrollo rural endógeno” (como una forma de generar desarrollo rural en las regiones que han quedado al margen de la globalización).

Estas primeras diferenciaciones del consumo, focalizadas en los efectos negativos del modelo de P-D-C industrializado, lleva al denominado “consumo verde”, que es definido por Elkington y Halles (1989) en Dueñas Ocampo, Perdomo-Ortiz, Villa Castaño (2014), como aquel que evita productos que ponen en riesgo la salud del consumidor o de otro, causan daño significativo al medio ambiente durante la manufactura, su uso o desperdicio, consumen una cantidad desproporcionada de energía, causan un desperdicio innecesario; usan materiales derivados de especies o ambientes amenazados, así como aquellos que implican un maltrato innecesario de animales o que de manera adversa afectan a otros países”. Y rápidamente incorpora el aspecto ético y moral, ampliándose hacia un consumo ético que incorpora estos aspectos al momento de la decisión de compra.

Esta segmentación del consumo lleva a la construcción de nuevas reglas entre los actores que terminan plasmándose en cuerpos normativos (Globalgap, producciones orgánicas, etc) que constituyen un conjunto de requisitos de calidad para los distintos ámbitos de la producción de alimentos. Los requisitos de la calidad implican la reorganización de los procesos técnico-organizativos de los sistemas de producción.

La calificación del producto y de los procesos de producción no encuentra inmediatamente una valorización en los mercados “globales” a través del precio

si no opera de intermediario entre el sistema local y el global, la certificación de tercera parte. Un significado que es compartido por aquellos que son extraños al sistema local.

Pero este consumo ecológico y/o saludable y/o ético no cuestiona la lógica mercantil del modelo de P-D-C Industrializado, y acepta el modelo de la distribución a gran escala. Mientras que a la par, surgen formas de acción colectiva que tienen como objetivo “reconectar la producción y el consumo alimentario de forma más directa y bajo nuevos criterios de calidad y mecanismos de confianza.

Webster (1975, p.188) en Dueñas Ocampo, Perdomo-Ortiz, ; Villa Castaño, L. (2014), define como un consumo responsable, aquel “donde el consumidor tiene en cuenta las consecuencias públicas de su consumo privado e intenta usar su poder de compra para lograr el cambio social”, ya no hablamos de un consumo individual que piensa en los efectos sobre el medioambiente y aspectos éticos, sino que el interés empieza a exceder lo individual y a incorporar la preocupación por los posibles efectos que su compra de productos y servicios tiene sobre el colectivo, o la sociedad.

Como dice Gliessman, S (2002) en Sanchez Caceres, R. (2005) “Si la agricultura como un todo llega a ser verdaderamente sostenible, todos los aspectos de la producción de alimentos, distribución y consumo deben ser incluidos en esta descripción. Es el complejo de interacciones de todas las partes ecológicas, técnicas, sociales y económicas de nuestro sistema alimenticio, lo que determina que estos sistemas puedan ser sostenibles a largo plazo”.

Es desde la perspectiva de la sociología crítica y el concepto de repolitización como puesta en valor de los factores colectivos, que se empieza a analizar al consumo desde otra perspectiva. Incluyendo en la consideración la distancia entre los productos y el consumidor mediante el concepto de “relocalización de los alimentos”.

METODOLOGÍA

La investigación se enmarca en un estudio de caso del modelo de P-D-C Agroecológico, en el área de Rosario. Se analiza de acuerdo a la definición que realiza la escuela francesa del sistema alimentario como “un conjunto de actividades económicas interdependientes y sus actores que trabajan conjuntamente en dirección a la satisfacción final de las necesidades alimentarias de una población determinada en un espacio y tiempo definido, tomando en cuenta la calidad e inocuidad de los mismos para cumplir satisfactoriamente con la función social alimentación-nutrición”. La complejidad del sistema está dada entre otros factores,

porque los elementos y la estructura del mismo pueden cambiar en el tiempo y en el espacio. La metodología empleada es la investigación cualitativa, que incluye trabajo sobre información secundaria y primaria.

Para caracterizar el funcionamiento del modelo de P-D-C agroecológico dentro del Sistema Agroalimentario, se analizan los siguientes elementos internos del sistema complejo, definidos por sus funciones y sus interrelaciones:

Producción Primaria: Destino de los alimentos para alimentación humana o animal y/o como insumo para la industria tanto de transformación alimentaria;

Transformación Agroalimentaria: de los productos agrarios en elaborados para consumo humano,

Conservación del alimento: preparar y envasar los productos alimenticios con el fin de guardarlos y consumirlos mucho tiempo después,

Distribución Alimentaria: Suministro de los alimentos a través de distintas estructuras comerciales que vinculan al productor y al consumidor. Se considera Venta Directa, Localización y estacionalidad de los productos,

Consumo de alimentos: se lo analizará a través de su:

Carácter Individual, como acto en sí mismo, de consumo de productos ecológicos, responsable, crítico, de comercio justo o de economía social. A esto se llegará por diferentes caminos. Significados individuales: el amplio espectro de significados asociados al consumo especialmente motivaciones, creencias, formación, filosofía de vida o política.

Carácter colectivo: el consumo debe basarse en una construcción colectiva. Aquí se encuentra la politización del consumo de alimentos. Se analiza a través de: cooperación para el consumo, formas de cooperar entre el consumo y los productores. Y las acciones de promoción.

RESULTADOS: (VER CUADRO N° 1)

La producción primaria de alimentos agroecológicos, se encuentra fuertemente presente en la producción de alimentos para consumo humano y en fresco, existiendo producciones agroecológicas destinadas a la elaboración de productos medicinales y/o cosméticos. En la ciudad de Rosario, la producción agroecológica se encuentra localizada a nivel de los sectores urbanos y periurbanos, y producen frutas y verduras, miel, semillas, cereales, entre otras.

Las prácticas tecnológicas utilizadas mayormente corresponden a las de proceso y en muchos casos se habla de “tecnologías apropiadas y/o apropiables”: asociaciones, rotaciones, cortinas verdes, siembras escalonadas, cobertura de suelos, trampas para insectos, incorporación de colores y olores diversos para ahuyentar insectos y aumento de poblaciones de benéficos, fertilización a base de

compost generados por ellos mismos a base de estiércol de sus propios animales y desechos verdes, de abonos verdes, prácticas que en general permiten recrear sistemas parecidos a los naturales. Reflejan la complejidad de la naturaleza. El uso de insumos externos a la unidad de producción es muy acotado, por filosofía y porque los productores tienen bajo nivel de capital para su compra en el mercado. En general utilizan semillas no transgénicas y preferentemente de producción propia y productos biopreparados por ellos mismos a base de sustancias naturales.

La concepción productiva de la agroecológica puede decirse que no es productivista, más bien de tipo ecologista, donde su relación con la naturaleza se torna más armoniosa.

Se inicia con productores de subsistencia de sectores urbanos, relacionados con planes asistencialistas a nivel local y nacional. En forma posterior fueron ingresando a la producción con base agroecológica, algunos sectores periurbanos, pero en general siempre han estado relacionados con productores con esquemas de subsistencia que salen al mercado con los excedentes que generan. Su estrategia, los aleja de los mercados.

Las actividades de transformación y conservación La transformación de los alimentos, cuando la hay, es de tipo artesanal, se realiza en las casas de las propias familias y/o en espacios colectivos como salas de producción de dulces, chacinados, etc.

La conservación de los alimentos dentro de este modelo es prácticamente inexistente, principalmente por su comercialización en fresco y en mercados locales.

Esta organización lleva a que los actores del modelo de P-D-C agroecológico escapen de los sectores proveedores de insumos y/o transformadores, más concentrados y transnacionalizados.

La Distribución y/o circulación de los productos agroecológicos en Rosario, se realiza a través de circuitos cortos de comercialización, donde se priorizan las relaciones directas entre el consumidor y el productor.

Este tipo de canales cortos de comercialización, elimina muchos costos de intermediación, y permite captar al productor una porción superior del precio del producto, considerando el sistema de precio justo. A nivel del territorio rosarino, ver en el Cuadro N°1, la columna 1. Esta forma de venta, permite a los productores y/o elaboradores escapar de los sectores de la gran distribución y de los crecientes requisitos de calidad y comerciales que manejan los mismos.

El consumo de estos alimentos, Incluye a sectores de consumo con características individuales que buscan alimentos sanos (no uso de productos de síntesis química), y que priorizan criterios sociales y medioambientales. Las motivaciones que los mueven son “precio”, “Inocuidad”, “Frescura” (Ver Cuadro N°1).

Y a aquellos que utilizan formas colectivas de consumo, están focalizados en “alternativas de comercialización con un alto contenido ideológico”.

En ambos casos, es difícil identificar si ha existido una modificación de los hábitos alimentarios hacia productos locales y/o estacionales.

LAS POLÍTICAS PÚBLICAS

En general, las políticas macroeconómicas y sectoriales no están destinadas a favorecer patrones sostenibles de desarrollo, ni tampoco sistema de producción en base a una agricultura amigable con el ambiente.

Las políticas públicas que facilitan este modelo de producción-distribución-consumo se dan a nivel local, y se vehiculizan a través de la organización de ferias, sistema de tickets para compra en ferias locales, que la entregan a los empleados municipales, para fomentar estos espacios. (Ver Cuadro N°1)

LA INSTITUCIONALIDAD DEL MODELO

En general, el marco institucional organizado para fomentar este tipo de agricultura amigable con el ambiente, es muy escaso. Sí, se encuentra el surgimiento y consolidación de un marco institucional alternativo en mano de ONGs, que empiezan a interesarse en los efectos sociales y ambientales de la agricultura industrializada y comienzan a trabajar en tecnologías apropiadas para producciones familiares de pequeña escala, con el objetivo de realizar un uso adecuado de los recursos agua y suelo.

Tipos de canales de comercialización	Características	Resultado
<p>Ferias agroecológicas</p> <p>-Se desarrollan en distintos espacios públicos, en las Plazas: López, Cuatro Plazas, Alberdi, San Martín, CMD Sur, Sur Oeste, Feria Costa Alta, Feria La Pérgola, rotan de días y el horario es fijo.</p> <p>-Pertencen a la subsecretaría de Economía Social de la Municipalidad de Rosario.</p> <p>-Se originan en 2001, “desafío de revalorizar el trabajo de la tierra y el conocimiento de los productores, bajo una mirada que incluya las dimensiones social, ambiental y económica. Y lograr un consumo responsable”.</p> <p>-Los productores pertenecen al Programa Agricultura Urbana.</p>	<p>Producción Primaria</p> <p>Emprendimientos manejados por familias, cooperativas o personas; que producen hortalizas, zanahorias, aromáticas.</p> <p>Transformación: productos elaborados en forma artesanal; mermeladas, panificados</p> <p>Distribución: Municipalidad que aporta el espacio para la organización de la feria el día domingo, Cada feria cuenta con una coordinación que pertenece a Economía Social, que se encarga del traslado de la mercadería e infraestructura.</p> <p>Productores venden individualmente y sin intermediación.</p> <p>Consumo: visitan las ferias y hacen compras individuales.</p>	<p>Origen y Sustentabilidad</p> <p>-La organización surgió a partir de una política pública local.</p> <p>Relación directa P-C</p> <p>-Venta directa;</p> <p>Localización y estacionalidad de los productos</p> <p>-Productos locales y estacionales;</p> <p>Tipo de Consumidor y motivación al consumo</p> <p>- Características individuales,</p> <p>-Motivaciones: por precio, frescor y sabor.</p> <p>Acciones de promoción</p> <p>-Buen nivel, hacia el consumidor. Mecanismos cooperación y Politización, HAY</p> <p>-Sinergias entre sectores públicos y productores, social.</p>

<p>Mercado Popular (La Toma); -Funciona en calle Tucumán 1349, todos los días de 8 a 21. -Esta iniciativa, pertenece a la Confederación de Trabajadores de la Economía Popular (CTEP). “Lo valioso de este proyecto se percibe en la producción independiente y autogestiva.”</p>	<p>Producción Primaria 40 unidades de producción de pequeños productores individuales, familias y cooperativas. Producen Hortalizas, zanahorias, aromáticas; pollo, huevos</p> <p>Transformación, distintas organizaciones de la ciudad tienen su espacio colectivo para elaborar productos en forma artesanal: vinos, panificados, licores y conservas, cervezas.</p> <p>Distribución No hay intermediación, el precio lo pone el productor y el Mercado retiene un 10% para el mantenimiento del lugar, el pago de la cajera y la limpieza. Productores ofrecen sus productos, individualmente.</p> <p>Consumo: visitan el mercado y hacen compras individuales.</p>	<p>Origen y Sustentabilidad -La organización, surge como un espacio de politización inicial.</p> <p>Relación directa P-C -Venta directa;</p> <p>Localización y estacionalidad de los productos Venta de productos frescos y procesados locales y estacionales. -Transformación artesanal en espacios colectivos. Tipo de Consumidor y motivación al consumo - Características individuales. -Motivaciones: por precio, frescor y sabor. Acciones de promoción - Pocas actividades,</p> <p>Mecanismos cooperación y Politización, HAY -Sinergias entre actores de distintos ámbitos de la economía social.</p>
<p>Venta directa en finca -Nacida como política pública de la Municipalidad de Rosario, -Interactúa con el Prohuerta (INTA) y el Centro de Estudios de Producciones Agroecológicas (CEPAR). -Contribuye a la integración social, la superación de la pobreza, el mejoramiento del hábitat y el ambiente urbano. -Productores pertenecen al Programa Agricultura Urbana,</p>	<p>Producción Primaria y Distribución Huerteros y huerteras, que comercializan lo producido en las huertas y jardines de aromáticas agroecológicas; verduras de hojas, zanahorias, aromáticas;</p> <p>Consumo: visitan las fincas y hacen compras individuales</p>	<p>Origen y Sustentabilidad -Surge por una política pública del Municipio.</p> <p>Relación directa P-C -Venta directa;</p> <p>Localización y estacionalidad de los productos -Presencia de productos locales y estacionales: Tipo de Consumidor y motivación al consumo - Características individuales. -Motivaciones: por precio, frescor y sabor. Acciones de promoción - Pocas actividades.</p> <p>Mecanismos cooperación y Politización, HAY -Sinergias entre actores público-privados.</p>
<p>Tienda asociativa --Cooperativa Mercado Solidario, Integrante de la Red de Comercio Justo del Litoral. - 3 puntos de ventas: El Trocadero, Almacén de las 3 Ecologías y El Trocadero II. -“Toda relación que generamos en este espacio tiene construcción social y política. Es un vínculo que va más allá de la posibilidad de la venta. Buscamos que cada uno pueda vivir de sus producciones, pero también tejer el aspecto político para seguir agrandando este tipo de redes”.</p>	<p>Producción primaria: No está incorporada.</p> <p>Transformación: Ofrece un espacio colectivo para la transformación. Elaborados por ellos, o por otras organizaciones que comprenden esta red.</p> <p>Distribución: Los productores tienen la posibilidad de vender en los locales directamente al público. Se comercializan distintos productos incluidas harinas y yerba de origen agroecológico.</p>	<p>Origen y Sustentabilidad -Surge a partir de una Organización Social, con un discurso político-ideológico.</p> <p>Relación directa P-C -No hay venta directa</p> <p>Localización y estacionalidad de los productos -No solo se comercializan productos locales ni estacionales. Tipo de Consumidor y motivación al consumo - Características individuales. -Motivaciones: políticas. Acciones de promoción - Pocas actividades.</p> <p>Mecanismos cooperación y Politización, HAY -Sinergias entre actores de distintos ámbitos de la economía social.</p>

<p>Tienda de origen político Desde el Movimiento Giros hoy partido político Ciudad Futura. -Articulado a través de un convenio público-privado con la Facultad de Relaciones Internacionales. “La potencia de este tipo de vinculación está en que todos ganan, ya que estudiantes, docentes y autoridades de la facultad acceden a alimentos de una calidad que hoy no se encuentra en el mercado”. “Creemos en promover encuentros de espacios de gestión pública y cooperativa”</p>	<p>Producción Primaria, tambo “La Resistencia”, que produce 1000 litros de leche diaria Transformación: ubicado junto al tambo, donde se industrializan mil litros por día que se producen en ese predio. Dulce de leche, quesos mozzarella y saboreados propios y de productores artesanal de la región. Distribución: La Facultad se compromete a comprar parte de su producción. Suman Productos que provienen de marcas reconocidas. Misión Anti inflación, aquí se comercializan una variada y completa canasta de productos algunos de los cuales son de origen agroecológicos. Consumo: círculos de tres a cinco hogares, que nombran a un coordinador que será el nexo con la red, hacen pedidos por web y se realiza una compra colectiva. Estos buscan la mercadería y la reparten entre sus miembros.</p>	<p>Origen y Sustentabilidad -Surge a partir de una organización social, hoy devenido en partido político. Hay politización del consumo. Relación directa P-C -Red de abastecimiento. Localización y estacionalidad de los productos -Productos locales y elaborados en forma artesanal: Tipo de Consumidor y motivación al consumo - Características colectivo (cooperación) -Motivaciones políticas de cambio de modelo y socialización. Acciones de promoción -Hay de contenido ideológico. Mecanismos cooperación y Politización, HAY -Círculos de consumo, - Producción y transformación colectiva,</p>
<p>ECOTIENDAS: Tiendas privadas especializadas en productos Suelo Común ubicada en Lucio v. Mansilla; Mercadillo Tienda Natural Saludable, La Deseada Cultivos, Trigo Sano.</p>	<p>Distribución: Comercialización directa con reparto a domicilio, se compra por teléfono; Venta directa con envío a domicilio; Venta directa por teléfono -Bolsones de verdura orgánica, granos y harinas de trigo y maíz agroecológicos. Consumo: Los consumidores visitan los lugares de venta o realizan sus pedidos individualmente.</p>	<p>Origen y Sustentabilidad -Surge a partir de un consumo diferenciado. Relación directa P-C -No hay venta directa. Localización y estacionalidad de los productos -No solo se comercializan productos locales ni estacionales. Tipo de Consumidor y motivación al consumo - Características individuales -Motivaciones: productos sanos. Acciones de promoción -Marketing. Mecanismos cooperación y Politización, NO HAY</p>
<p>Venta en resto La Municipalidad de Rosario y la Asociación de Empresarios Hoteleros-Gastronómicos de la ciudad (Aeghar) firmaron un acuerdo para promover en hoteles y restaurantes la compra directa</p>	<p>Producción Primaria: Se inició con 6 quinteros locales que trabajan en emprendimientos medianos que aseguran sus nichos de mercado estable. Lechuga, repollo, acelga, verdeo, entre otras variedades. Distribución/Consumo: venden en forma directa a 12 establecimientos privados, que obtienen mercadería fresca de calidad.</p>	<p>Origen y Sustentabilidad -Surge a partir de una política pública. Relación directa P-C -No hay venta directa. Localización y estacionalidad de los productos -Productos locales y estacionales: Tipo de Consumidor y motivación al consumo - Características individuales -Motivaciones: productos sanos. Acciones de promoción -Pocas actividades Mecanismos cooperación y Politización, HAY -Sinergias público-privado.</p>

<p>Almacén Ambulante. Se inició en 2013, pone énfasis en la economía anticapitalista y en su dimensión ecológica. Promover la producción agroecológica y sustentable, formando parte de redes que permiten contar con productos de otras regiones. A su vez, es parte de la Red de Comercio Justo del Litoral y coordina y articula actividades con la Cooperativa Mercado Solidario.</p>	<p>Producción Primaria, Distribución y Consumo Está conformada por un grupo de productores y consumidores del sur de la provincia de Santa Fe. Distribuye productos en varias localidades santafesinas. La fecha de entrega es los segundos viernes de cada mes en la ciudad de Rosario donde se concentra la mayor cantidad de adquirientes, y en los días subsiguientes se realiza la entrega del bolsón en las localidades de Cañada de Gómez, Ibarlucea y San Genaro. Yerba, arroz, miel, azúcar integral, mermelada, jugo concentrado, milanesas de soja o porotos negros, frutas y verduras de estación, vino, huevos, entre otros.</p>	<p>Origen y Sustentabilidad -Surge a partir de una Organización Social, con un discurso político-ideológico. Relación directa P-C -No hay venta directa. Localización y estacionalidad de los productos -Productos NO solamente locales y estacionales agroecológicos Tipo de Consumidor y motivación al consumo -Características colectivas (cooperación entre consumo y productores.) -Motivaciones políticas de cambio de modelo y socialización. Acciones de promoción -Pocas actividades Mecanismos cooperación y Politización, HAY - Sinergias entre actores de distintos ámbitos de la economía social.</p>
--	--	---

Cuadro N^o1. Tipos de canales de comercialización, Características y Resultados

CONCLUSIONES

El modelo de Producción-Distribución-Consumo agroecológico se ha organizado como una alternativa a los modelos P-D-C industrializados, con en una lógica que intenta escapar del mercado como organizador, incorporando los canales cortos de comercialización, que les permite una relación directa entre el productor y el consumidor, por lo que se genera una “relación” poniendo en juego este concepto en el acto de consumo, que es despersonalizado y masificado en el circuito industrializado.

Esta lógica tiene que ver con los territorios de cercanía, entre producción y consumo, que generan un perfil de consumo propio de cada lugar, donde se priorizan los productos agroecológicos, locales (localizados) y estacionales (estacionalizados), o productos que llegan de otras regiones pero que provienen de la misma lógica de P-D-C.

Este tipo de consumo ha generado modificaciones a nivel de la producción primaria de alimentos, ya que la misma han organizado producciones diversificadas con una fuerte vinculación a la naturaleza y sus ciclos. De este modo, se fomentan los espacios colectivos de transformación comercialización y consumo que facilitan la continuidad del modelo.

Ha permitido mayor sustentabilidad social de los actores involucrados a través del tiempo, y ecológica ya que sus abordajes productivos son más armoniosos con la naturaleza. La preeminencia de tecnologías apropiables y apropiadas, ha

disminuido la dependencia de los productores de los insumos externos.

Su desvinculación de los mercados concentradores, y la utilización de circuitos cortos de comercialización, evitando la intermediación; también ha generado sustentabilidad de tipo social y económica. Y ha fomentado alianzas estratégicas en la integración urbano-rural, colaborando en la consolidación de un modelo de alimentación-consumo sano, que respeta la localidad y temporalidad de los alimentos.

Las distintas alternativas del modelo, visualizadas a través de los canales de comercialización y consumo analizados, muestran en general alternativas que priorizan la organización de circuitos de ventas directas de los productores (como por ejemplo las ferias y ventas en finca).

No puede decirse que estos canales de distribución-consumo sean una tendencia social dominante, ni que en el corto plazo puedan reemplazar a los actuales canales de comercialización del modelo industrializado, sin embargo es importante rescatar su génesis, proliferación variada y mantenimiento a través del tiempo, que demuestran otras prácticas y una repolitización en torno a la alimentación.

REFERENCIAS

Aradas, M. E. (2012), "Agricultura agro-ecológica en Rio + 20". Primer Congreso Santafesino de Agroecología. Rosario, Argentina.

Delgado, M. (2010). El sistema agroalimentario globalizado: Imperios alimentarios y degradación social y ecológica. Economía Crítica10. [Revistaeconomiacritica.org/sites/default/files/revistas/n10/3.pdf](http://www.revistaeconomiacritica.org/sites/default/files/revistas/n10/3.pdf).

De Nicola, M. (2011) Nuevos consumos en el sistema agroalimentario y su incidencia en la formación de profesionales de la Agronomía. Revista Ciencias Agronómicas de la Facultad de Ciencias Agrarias de la UNR. Número XVII, Año 11, ISSN N° 1853-4333. UNR Editora.

De Nicola, M y Qüesta, T. (2011) "La producción orgánica certificada en Argentina en el marco de las convenciones cívicas". Revista de Economía del Instituto de Economía Agraria. Volumen 58, N°1, p 115-128. ISSN 1981-4771.

Dueñas Ocampo, S.; Perdomo-Ortiz, J.; Villa Castaño, L. (2014). "El concepto de consumo socialmente responsable y su medición. Una revisión de la literatura." Revista Estudios Gerenciales 30. Páginas 287-300.

Galindo, Pilar y Pino, Carlos. (sin fecha) Globalización de la agricultura y la alimentación en la economía mundial. Un análisis crítico (teórico y práctico) desde la agroecología y el consumo responsable. <http://pendientedemigracion.ucm.es/info/ec/jec9/pdf/A04%20%20Galindo,%20Pilar%20y%20Pino,%20Carlos.pdf>

López García, D. y Llorente Sanchez, M. 2010. "La agroecología: hacia un nuevo modelo agrario. Sistema agroalimentario, producción ecológica y consumo responsable". Edición: Marzo del 2010. www.ecologistasenaccion.org/IMG/pdf_cuaderno_17_agroecologia.pdf.

Sanchez Caceres, R. (2005) "Las organizaciones de consumo ecológico como espacios de repolitización del consumo alimentario. Estudio de caso." www.fes-sociologia.com/files/congress/10/

grupos-trabajo/ponencias/171.pdf

Sanchez Caceres, (sin fecha) R, "Las metáforas del consumo de productos ecológicos". <https://www.agroecologia.net/recursos/...online/.../ix.../7-5-metaforas-sanchez.pdf>.

Boletín IPOD, Circular 9/8/17. redcame.org.ar/sitio/circulares?&p=7&pp=12

SOBRE OS ORGANIZADORES

RAISSA RACHEL SALUSTRIANO DA SILVA-MATOS: Graduada em Ciências Biológicas pela Universidade de Pernambuco - UPE (2009), Mestre em Agronomia - Solos e Nutrição de Plantas pela Universidade Federal do Piauí - UFPI (2012), com bolsa do CNPq. Doutora em Agronomia pela Universidade Federal da Paraíba - UFPI (2016), com bolsa da CAPES. Atualmente é professora adjunta do curso de Agronomia do Centro de Ciências Agrárias e Ambientais (CCAA) da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Tem experiência na área de Agronomia, com ênfase em fitotecnia, fisiologia das plantas cultivadas, propagação vegetal, manejo de culturas, nutrição mineral de plantas, adubação, atuando principalmente com fruticultura e floricultura. E-mail para contato: raissasalustriano@yahoo.com.br; raissa.matos@ufma.br Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0720581765268326>

HOSANAAGUIARFREITASDEANDRADE: Graduada em Agronomia (2018) pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Atualmente é mestranda no Programa de Pós-Graduação em Ciência do Solo pela Universidade Federal do Ceará (PPGCS/UFC) como bolsista CAPES. Possui experiência na área de fertilidade do solo, adubação e nutrição de plantas, com ênfase em aproveitamento de resíduos na agricultura, manejo de culturas, propagação vegetal, fisiologia de plantas cultivadas e emissão de gases do efeito estufa. E-mail para contato: hosana_f.andrade@hotmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5602619125695519>

NITALO ANDRÉ FARIAS MACHADO: Possui graduação em Agronomia (2015) e mestrado em Ciência Animal (2018) pela Universidade Federal do Maranhão. Atualmente é aluno regular do doutorado em Engenharia Agrícola pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Possui experiência na área de Engenharia Agrícola, com ênfase em Ambiente e Bioclimatologia, atuando principalmente nos seguintes temas: biometeorologia, bem-estar animal, biotelemetria, morfometria computacional, modelagem computacional, transporte de animais, zootecnia de precisão, valorização de resíduos, análise de dados e experimentação agrícola. E-mail para contato: nitalo-farias@hotmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3622313041986385>

ÍNDICE REMISSIVO

A

Administração Pública 1, 2, 3, 12, 13, 259

Adsorção com a casca de soja 168, 171

Agricultura 1, 2, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 26, 29, 51, 88, 101, 102, 103, 104, 106, 107, 108, 109, 111, 112, 113, 114, 115, 118, 126, 127, 128, 130, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 143, 145, 148, 149, 152, 184, 186, 187, 189, 190, 191, 192, 193, 196, 197, 198, 200, 201, 202, 203, 204, 211, 212, 214, 215, 216, 232, 237, 238, 239, 243, 255, 258, 261, 262, 263, 265, 274, 276, 277, 278, 280, 281, 282, 296

Agricultura familiar 2, 5, 6, 7, 14, 101, 102, 103, 104, 106, 107, 108, 109, 111, 112, 113, 114, 115, 126, 127, 128, 135, 136, 138, 186, 187, 189, 190, 192, 193, 196, 197, 243, 258, 261, 262, 280, 281, 282

Agricultura orgânica 137, 276, 277, 280, 282

Agronegócio 1, 16, 255

Alcoólico 263, 266, 269, 271, 272, 273, 274, 275

Ambiente na conservação 175

Amora-preta 62, 63, 64, 65

Antioxidantes 31, 32, 33, 36, 40, 62, 64, 65, 69

Aplicação de adjuvantes 20

Apreensões 252, 257

Aprendizagem 244, 245, 246, 248, 249, 250, 251

Aquênios de girassol 79, 82, 85, 87

Arbequina 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28

Argentina 140, 152, 186, 187, 189, 198, 199, 200, 215, 216

Artesanos 154, 155, 156, 157, 158

Atividade antibacteriana 43, 45, 46, 47

Atividade antioxidante 42, 49, 58, 62, 63, 64, 65, 66, 71, 76

Aulas práticas 244, 248

Azeite de oliva 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30

B

Bagaço de maçã 31, 33, 34, 35, 37, 38, 39, 41

Berry 62, 63

Brácteas 50, 51, 52, 53, 54

Buriti 263, 264, 265, 266, 268, 270, 271, 272, 273, 274

Butiá de Santa Vitória do Palmar 154

C

Caracterização química 24, 47, 92

Celíacos 50, 60

Cepas padrão 43, 45
Cinética da secagem 79, 81
Cinética de adsorção 168, 169, 171, 172
Circuitos curtos de comercialização 101
Composição florística 116, 118, 125
Compostos bioativos 20, 62, 63, 64, 65, 69
Compostos fenólicos 31, 33, 36, 38, 52, 56, 57, 59, 62, 63, 64, 66, 69, 72, 73
Comunidades 107, 124, 142, 155, 214, 230, 232, 240, 277
Cookies 31, 32, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 50, 51, 58, 60, 61
Corante 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174
Crescimento 38, 47, 93, 94, 95, 98, 160, 161, 162, 167, 180, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 231, 272
Cultivo 42, 61, 88, 126, 128, 129, 131, 133, 135, 199, 241

D

Dianópolis 116, 117, 118, 119, 121, 123
Dimensões econômicas 230, 231

E

Embalagem 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184
Estratégias 4, 16, 17, 115, 118, 187, 230, 231, 232, 241, 256, 259, 281
Estrutura diamétrica 117, 118, 124, 125
Expansão 31, 36, 38, 39, 162, 230, 234, 235, 236, 274
Extensión 139, 186, 188, 189, 190, 193, 194, 195, 196, 198, 213
Extratos bruto 67
Extrato vegetal 68

F

Fatty acid 284, 287, 288, 292, 293, 295
Fécula de mandioca 42, 50, 52, 55, 58, 59, 60
Feira agroecológica 276, 281
Fermentação 91, 93, 94, 95, 96, 99, 263, 264, 265, 266, 268, 270, 271, 272, 273
Fermentado alcoólico 263, 266, 273, 274, 275
Fibras 25, 31, 32, 33, 34, 36, 37, 38, 40, 51, 52, 95, 98, 155, 264, 265
Filocrono 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167
Fiscalização de alimentos 252, 254, 256, 259
Fitoquímica 67, 70, 77
Fitoquímicos 65, 67, 68, 69, 71, 75
Fitossociologia 117, 124, 125
Fragmento de cerrado 116, 119
Fruta tropical 176, 177
Fruteira exótica 176

G

Grape seed 284, 286, 288, 289, 291, 292, 293, 294, 295

H

Helianthus annuus L. 79, 80, 88

Hylocereus polyrhizus 67, 68, 69, 76, 77, 78

I

Inventário Florestal 218, 224

M

Malaxagem 20, 21, 22, 23, 25, 26, 27, 28

Matriz Swot 16

Mauritia flexuosa L. F. 263, 265

Mercado local 101, 135, 212

Método de distribuição 16

Metodologias ativas de ensino 244, 246, 247, 248, 249, 250

Metodologias de ensino 244, 245, 246

Microrganismos multirresistentes 43, 44

Modelagem 83, 86, 88, 89, 218, 219, 220, 223, 224, 225, 227, 228, 229, 296

Modelos de árvore individual 217, 220, 222

Modelos empíricos 218, 220, 221

Monitoria 244, 246, 247, 250, 251

Monogástricos 92

Motivações 126, 127, 130, 133

N

Nephelium lappaceum L. 175, 176, 177, 184

Número de folhas 161, 162, 164, 165

Nutraceutica 62

O

Organización productiva 154

Otimização 30, 60, 79

P

Parâmetros físicos 79

Peletização 92, 95, 96

Percepção discente 244, 246

Perfilhamento 161

Perspectivas institucionais 252, 254, 256, 259

Pitaya vermelha 67, 68, 70, 75
Planejamento Governamental 1, 15
Planta medicinal 43, 45
Políticas forestais 198
Políticas Públicas 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 10, 12, 13, 14, 15, 127, 148, 158, 196, 198, 232, 233, 252, 259, 261
Pós-Colheita 25, 79, 80, 81, 82, 88, 175, 176, 177, 180, 184
Produção agroecológica 126, 128, 130, 133, 134, 135, 137, 138
Produção florestal 217, 218, 220, 226, 229, 239
Producción-distribución-consumo 139, 141, 142, 144, 148, 151
Produtos agropecuários 16, 252, 254
Produtos de Origem Animal 252, 255, 257, 258

Q

Qualidade do fruto 25, 176, 177, 182

R

Ração animal 32, 91
Rambutanzeira 175, 176
Recursos orçamentários 1, 2, 12
Região amazônica 276
Relações Ambientais 276
Rendimento 20, 21, 22, 24, 25, 26, 27, 28, 80, 102, 160, 161, 176, 178, 179, 180, 184, 273, 285
Resíduos de panificação 91, 92, 96, 97, 98, 99
Resistência antibacteriana 43
Ruminantes 92, 98, 99
Rural 2, 5, 6, 7, 10, 11, 12, 13, 14, 61, 99, 105, 106, 114, 126, 127, 129, 130, 134, 135, 136, 137, 139, 143, 144, 152, 166, 167, 175, 186, 188, 189, 193, 194, 195, 196, 212, 216, 230, 231, 233, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 243, 252, 255, 260, 261, 282
Ruralidade 230, 231, 232, 233, 234, 237, 241, 243

S

Saberes 186, 190, 191, 192, 196, 238, 240, 260, 261, 276, 277, 278, 279, 281, 282
Saberes ambientais 276, 277, 278, 281, 282
Santa Maria 61, 160, 166, 167, 252, 253, 254, 255, 256, 257, 259, 260, 262
São Vicente do Sul 160, 161, 163
Savana 117, 118
Sem glúten 50, 58, 59, 61
Sensu stricto 116, 117, 118, 120, 121, 122, 123, 124, 125
Setor têxtil 168, 169
Sistemas expertos 186, 188, 189, 190, 194, 196
Soma térmica 160, 162, 163, 164, 165, 167

Subproduto 31, 32, 35, 38, 40, 41, 95, 168, 173

Suinocultura 244, 246, 247, 251

Sustentabilidade 7, 126, 128, 133, 134, 136, 138, 230, 231, 234, 240, 243, 280, 282

Swot 16, 17, 18, 19

T

Tangará da Serra 126, 128, 130, 132, 136, 138

Taxa de secagem 79

Temperatura 23, 36, 43, 45, 79, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 90, 95, 161, 162, 163, 164, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 175, 176, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 218, 257, 263, 267, 269, 272, 285

Território 2, 7, 44, 117, 230, 231, 232, 233, 234, 235, 236, 239, 240, 241, 242, 256

U

Ultrasound 21, 29, 30, 284, 286, 287, 288, 289, 290, 291, 293, 294, 295

Universidade Estadual do Ceará 67, 244, 246

Urbano 130, 143, 149, 152, 194, 230, 231, 234, 235, 237, 239, 241, 242, 243

V

Veterinária 29, 41, 43, 49, 91, 244, 246, 251

Vigilância Sanitária 41, 252, 253, 254, 256, 257, 259, 260, 262

Vitis Vinifera 284, 285, 295

